

# Há menos de 10 mil prod

**Num ano,** saíram da actividade quase mil produtores, quebrando pela 1.<sup>a</sup> vez a fasquia dos 10 mil. Os

NUNO PASSOS  
economia@jn.pt

A Fenalac revela que, da campanha de 2008 para a de 2009, se recuou de 10 945 para 9990 produtores de leite. A crise precipitou o abandono, que nos últimos meses atingiu também de forma inédita agricultores de média e grande dimensão.

Pela primeira vez, o país ficou abaixo da fasquia dos 10 mil produtores, à custa dos deixaram a actividade, para poderem sobreviver (ver casos). Outros, também em dificuldades, recorrem a protestos, como os de ontem, em Aveiro.

O secretário-geral da Fenalac (Federação Nacional das Cooperativas de Leite e Lacticínios), Fernando Cardoso, evidenciou ao JN ser muito provável que a estatística se agrave, seja pela conjuntura, como pelo abandono normal.

O líder da Leicar (Associação de Produtores de Leite e Carne), José Oliveira, insiste que “é a maior crise de sempre”. “Há mais de mil explorações em falência com bens e receitas penhorados e três mil em pré-falência”, sublinhou.

A zona mais afectada será Entre Douro e Minho, que vale mais de um terço da produção nacional. José Manuel Lobato, da Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga, sublinha que predomina o minifúndio, logo, a taxa de abandono é maior. “Temos já grandes explorações que investiram em novas tecnologias e têm a corda na garganta. O diagnóstico está feito, é o mais negro possível. Falta um médico [ministro] à altura”.

Fernando Cardoso sublinha que o futuro ministro da Agricultura deve debruçar-se sobre as ajudas financeiras da UE, fazer pressão política para se manter as quotas leiteiras além de 2015, executar o tão esperado Proder, avançar com o licenciamento das vacarias e aferir um estudo amplo sobre a concorrência no ramo.

Lobato devolve que, pela primeira vez, vê famílias a deixar a actividade a que se dedicaram toda a vida e pais a admitir que “hipotecaram” o futuro dos filhos, com dívidas acumuladas à banca e fornecedores. “São cada vez mais a dizer [produzir] leite nunca mais!, pois os intermediários levam a fatia de leão do preço do leite vendido ao consumidor”. ■



Agricultores que ontem se manifestaram em Aveiro pediram garantias para o escoamento do leite e melhores preços à produção

## Manifestantes: “Estão a cavar-nos a cova”

### Reportagem

PAULA ROCHA  
economia@jn.pt

Uns vieram de autocarro, outros de tractor, em marcha lenta desde Válega (Ovar). O objectivo era comum: chegar a Aveiro para a já habitual manifestação de agricultores, no dia da abertura de mais uma edição da Agrovouga. Vieram alertar para as graves dificuldades do sector agrícola e pedir mais apoios ao Governo, sobretudo no que toca à garantia do escoamento dos produtos e melhores preços de produção.



Produtores querem mais ajudas

Centenas de agricultores do Norte e Centro do país encheram a principal avenida da cidade e em uníssono acusaram o Governo de “tentar matar a agricultura”. “Estão-nos a cavar a cova e não deve faltar muito para nos enterrarem”, gritava, em cima de uma carrinha, uma das muitas agricultoras que marcaram presença na manifestação. “É importante que os custos de produção baixem”, dizia António Silveira, de Ovar, acrescentando estar “a ponderar abandonar a agricultura”.

Também Luís Varela, que veio de Gouveia, alerta para “o perigo que vive o sector, com muitos produtores a pensarem abandonar de vez as suas explorações”. Este agricultor realça ainda as dificuldades

em “escoar os produtos”. “O que vendemos é a preços tão baixos que não paga o trabalho e o investimento que fizemos”.

Ivone Ribeiro, de Anadia, partilha as queixas da falta de escoamento. Dedicou-se à produção de batatas, vinho e azeite. Garante que não consegue vender. “Está tudo lá em casa. Assim não paga os investimentos que fazemos em sementes e adubos”, acrescentou.

Honório Novo, deputado do PCP, também esteve na manifestação. Criticou os apoios de Bruxelas ao sector do leite por serem “insuficientes”. “Este apoio corresponde a uma média de 300 euros por agricultor, não respondendo aos problemas estruturais do sector”. ■

# utores de leite

que restam vão-se manifestando contra a situação do sector

## TRÊS CASOS DE ABANDONO DA ACTIVIDADE

### Barcelos

#### "Já devia ter saído há muito"

➔ Dirige a Associação de Produtores de Leite (APL) desde 2003, mas a crise obrigou-o com grande mágoa a deixar o mester que avós e pais sempre desempenharam. Mais: a sua aldeia de Perelhal superava nos anos 80 as 20 explorações, "hoje há três e só deve ficar uma". "Eu tinha das poucas vacarias legais e 36 vacas leiteiras. Com os auxiliares à produção a encarecer trabalhava para nada. Desisti e vi-me à rasca a pagar todas as



José Lemos: "Não compensa"

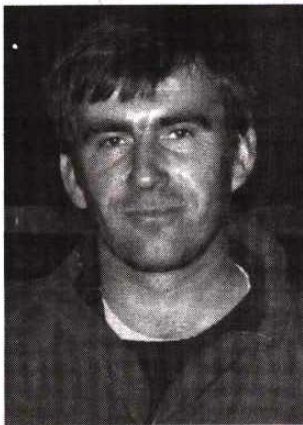
dívidas. Pela minha esposa, já devia ter saído há muito", diz José Lemos, 62 anos. Agora tem 16 bovinos para produção de carne, mas se vender a 1000 euros por cabeça "mal compensa. A ração custa o dobro face a 2004, e cada dia é 15 euros por sacco". Nota que muitos acabam por matar vitelos à nascença. "Vendê-los a 30 euros é humilhante". Mas ele "nunca" o fez. Lamenta que os jovens não estejam na agricultura, "mas na verdade não compensa". E realça que os subsídios públicos "vão para quem não põe um dedo no tractor. Mais valia descer o preço dos bens". N.P.

### Famalicão

#### "Nunca vi o preço do leite tão baixo"

➔ Manuel Pinho era produtor de leite há cerca de 13 anos. Contudo, a baixa dos preços obrigou-o a abandonar a actividade.

O ex-produtor de leite de Vila Nova de Famalicão decidiu abandonar a actividade em Fevereiro e arranjar outro emprego que ajudasse a complementar o orçamento familiar. Trabalha agora num matadouro e produz cereais para manter alguns animais que está a



Manuel Pinho: "Não justifica"

criar para reprodução e engorda. "Estou a começar agora. Vamos ver se dá", adiantou.

Manuel Pinho tinha 90 animais a produzir leite mas viu os preços a baixar de tal forma que, feitas as contas, não tinha lucro. Vendeu os animais.

Em mais de uma década de actividade, Pinho diz nunca ter visto o preço do leite tão baixo. "Desde de que ando nisto, houve altos e baixos, mas nunca o leite esteve a um preço tão baixo", afirmou, notando que "não justifica", atendendo a todo o trabalho e despesas que a actividade implica.

ALEXANDRA LOPES

### Barcelos

#### "Fui dos primeiros a sofrer a crise"

➔ Desisti da produção de leite em Julho. "Foi um bocado duro, por força do hábito, mas nos dias seguintes terminava a rotina, a preocupação, havia tempo livre", confessa com alívio Francisco Miranda. Natural da freguesia de Roriz, pegou na actividade que o pai deixara em 1990, colectou-se em 1995, criou uma estrutura de raiz há uma década, investiu 90 mil euros há dois anos na compra de quota leiteira e de



Francisco Miranda: "Cada vez pior"

animais (tinha 100) e estava a produzir para a cooperativa Racoop com destino à Galiza. "Fui dos primeiros a sofrer a crise. O preço em Espanha baixou, as receitas não chegavam. A situação piorava cada vez mais, percebi que a quota não vale nada e acabei com a parte leiteira", enumera. Ficou com a secção de recria: vende as vacas que chegam ao ponto de produção leiteira. "Vou aguentar um ano, se não valer a pena terei que procurar outro modo de vida". Torce o nariz quanto a vender carne bovina: "Os espanhóis vão entrar em força e rebentar com os preços". N.P.